

HISTÓRIA, HISTÓRIA DA CIÊNCIA E PSICOLOGIA.

GERALDINA PORTO WITTER

do Instituto de Psicologia da Universidade de São
Paulo.

“A história da ciência tem um papel vital a desempenhar em relação aos problemas atuais, bem como em relação aos princípios e procedimentos em perspectiva”. (Brozek & Schneider, 1973, p. 99).

Nos últimos anos, em um ritmo surpreendente, vem ocorrendo muitas mudanças tecnológicas e curriculares no ambiente universitário. É o momento para se considerar a relevância de muitas disciplinas na formação dos especialistas. Entre as áreas de conhecimento humano que podem ser de grande valia na formação dos cientistas está a História da Ciência.

O papel da História da Ciência apontado por Brozek & Schneider (1973) nem sempre tem sido adequadamente percebido tanto que, raramente se encontra esta disciplina sendo ministrada quer em cursos básicos, quer em nível de pós-graduação, nos cursos destinados a formação dos mais diversos especialistas. Por outro lado, é preciso verificar se, quando ministrada, ela pode efetivamente preencher o papel a que os autores fazem referência. À guisa de exemplo, considerar-se-á aqui algumas das possibilidades da História da Ciência na formação de um cientista — *o psicólogo*.

Ter um razoável conhecimento de História dá ao estudioso da Psicologia possibilidades de conhecer o clima filosófico, sócio-econômico e cultural em que se desenvolveu não apenas a ciência a que se dedica como também o daquelas com as quais mantem contato mais direto. Mais ainda, garante-lhe uma perspectiva de como se estabeleceram estas relações. Trabalhos como o de Carni (1973) sobre a Psicologia de Ernst Cassirer, analisando a relação estabelecida por este último entre percepção e linguagem, servem para mostrar como

uma perspectiva histórica pode ser útil para evidenciar relações entre áreas distintas e indicar as origens mais remotas de temas ainda hoje em debate. Certamente, esta perspectiva é fundamental para determinar quão importante é um assunto e a continuidade com que o mesmo vem sendo estudado.

De fato, quando Carni (1973) analisa a relação estabelecida por Cassirer, que unificou perceptos e linguagem, dá aos estudiosos do campo não apenas as origens históricas mas também as linhas gerais da evolução dos estudos sobre percepção e linguagem. Cassirer mostrou que os perceptos podem ter, em sua forma rudimentar, qualidades próprias dos conceitos. Assim, sendo os conceitos considerados unidades linguísticas, de acordo com alguns modelos psicológicos, pode-se unir percepção e linguagem em termos de função. Carni (1973) mostra como informações e elaborações teóricas oriundas de áreas distintas podem convergir ou levar ao aparecimento de novos modelos. Um enfoque histórico pode, desta forma, permitir ao aluno situar melhor o problema que está estudando e perceber todas as implicações decorrentes do fato de assumir esta ou aquela posição.

Ao adotar um modelo psicológico para trabalhar espera-se que o aluno esteja ciente de suas vantagens, limitações e premissas básicas. Aqui, um enfoque histórico pode ser particularmente útil. O dualismo cartesiano influiu e ainda hoje é nitidamente influente em vários modelos psicológicos de grande aceitação e divulgação. Porém, como pode o aluno inteirar-se de todas as suas implicações sem ter uma perspectiva histórica? Pode-se lembrar que Descartes introduziu ou, pelo menos, acentuou direções na concepção de homem, colocando-o como um ser à parte, dotado de razão. Os efeitos desta concepção são ainda marcantes nos modelos psicolinguísticos que adotaram a posição nativista (Witter, 1973) e tem sido motivo de viés em estudos de Psicologia Comparada, conforme White, Juhasz & Wilson (1973).

A informação e a análise de como o dualismo cartesiano tem evoluído até chegar aos atuais modelos da Psicolinguística, ou aos meios de coleta e de análise de dados da Psicologia Comparada, pode ser útil de várias formas. Uma delas seria a própria busca de argumentação, outra poderia ser reduzir a tendência para interpretar as respostas de organismos infra-humanos recorrendo a uma terminologia inadequada. No que concerne a procura de argumentos, no próprio Descartes o estudioso do assunto encontra bases tanto para a defesa como para o ataque a este dualismo. Tibbetts (1973) lembra que nos tratados e na correspondência do filósofo francês, ele não apenas previu muitas das oposições e argumentos em sua defesa, mas

também reformulou suas próprias idéias. Aliás, estas reformulações nem sempre são levadas em conta ou são conhecidas por pesquisadores que não estão a par da correspondência entre Descartes e a Princesa Elizabeth, filha do Imperador Frederico V, rei da Boêmia.

Estes exemplos servem como pistas quanto a eventual utilidade de uma perspectiva histórica na formação do estudioso da Psicologia. Todavia, dependendo do enfoque dado pelo professor ela poderá ser de maior ou de menor utilidade. É claro que aqui influi também o fato de a disciplina ser ministrada em nível de graduação ou de pós-graduação. Certo tipo de programa e de enfoque poder ser mais interessante no primeiro caso e outro no segundo. O programa pode ser desenvolvido seguindo uma orientação de macro ou micro-história.

Quando se faz uma análise geral das tendências e evolução dos vários ramos da Psicologia como um todo (Herrnstein & Boring, 1966) ou de como e porque ela se desenvolveu em uma dada forma e direção em determinado país, tem-se o que Brozek e Schneider (1973) denominam macro-história. Constituem obras de macro-história da Psicologia os livros escritos por Murphy & Murphy (1968, 1969) mostrando as tendências evolutivas da Psicologia na Ásia e no ocidente; o mesmo ocorre com o amplo trabalho coordenado por Cole & Maltzman (1969) sobre a Psicologia na União Soviética. Um programa de macro-história da Psicologia pode fornecer um quadro de referência muito útil não apenas aos alunos de graduação, mas se ministrado em maior profundidade será igualmente relevante, na pós-graduação. Possivelmente, o aluno que tivesse frequentado anteriormente um curso mais geral de história da ciência poderia aproveitar ainda mais um curso desta natureza.

Quando a ênfase recai em aspectos mais restritos tem-se o que Brozek e Schneider (1963) rotularam de micro-análise. Neste caso, à guisa de exemplo, poder-se-ia lembrar o trabalho de Engelmann (1972), analisando a evolução do conceito de emoção, ou o de Lomônaco (1972) sobre paradigmas e problemas básicos no estudo de discriminação reversa. Micro-história parece ser um enfoque particularmente útil para cursos de pós-graduação.

Qual deve ser a decisão do professor? Um programa de macro ou de micro-história? Muitos fatores devem ser considerados nesta opção: a própria formação do professor, as necessidades dos alunos, o nível de escolarização dos estudantes, como a disciplina se insere no currículo escolar e, até mesmo a disponibilidade de material bibliográfico e de fontes históricas. Talvez, o mais importante não seja esta decisão, mas sim, conseguir com que o aluno participe ativamente do

processo de ensino, quer lendo e relatando textos originais que documentam a história da Psicologia, quer eles próprios pesquisando esta história.

Uma outra função que a História da Ciência poderia ter seria a de dar aos alunos e estudiosos uma perspectiva unificada do estudo da realidade em todas as suas manifestações, mostrando não apenas o perigo, mas os meios de se superar uma fatal separação entre o que se poderia chamar de duas culturas: as humanidades e as ciências (Brozek & Schneider, 1973). De fato, os historiadores da ciência:

“têm a oportunidade de indicar interações diversas e vitais entre a investigação empírica e a ampla estrutura filosófica e sócio-cultural em que os cientistas operam. Na presença de um processo crescente de progressiva especialização, a história da ciência pode conduzir à existência e à importância das ligações entre uma dada ciência e suas disciplinas limítrofes”. (Brozek & Schneider, 1973, p. 99).

A este último aspecto se fez referência aqui quando se lembrou o trabalho de Carni (1973) em relação a obra de Cassirer. Resta tecer algumas considerações sobre a síntese que uma história da Psicologia deveria, ou poderia, oferecer ao aluno.

É muito difícil, senão impossível compreender profundamente os vários modelos existentes atualmente na Psicologia, percebendo adequadamente as suas semelhanças e diferenças, suas técnicas de levantamento de dados, de análise e mesmo como cada um considera o problema da ciência e do homem no universo sem esta perspectiva histórica. Sem estar ciente das mudanças no clima filosófico e suas implicações para a Psicologia e para ciências conexas, o aluno não pode perceber marcantes diferenças entre modelos que formalmente se assemelham. Assim, por ignorância, poderá ser tentado a assumir uma atitude eclética, que se por si mesmo não representa um mal, pode leva-lo a usar técnicas, interpretações, princípios e conceitos incompatíveis entre si, sem perceber que está agindo de forma incoerente.

Uma perspectiva histórica poderá ajudar o futuro pesquisador, e mesmo o pesquisador de hoje, a estar mais ciente de suas responsabilidades para com a comunidade não permitindo que dela fique completamente alheio. Aliás, vários autores tem chamado a atenção para este problema, dele se ocupando recentemente, especialistas de várias áreas (Weissenkopf, 1972; Gershinowitz, 1972).

Parece que um curso de História da Ciência poderia focalizar muitos destes aspectos da interação entre o psicólogo-cientista e a sociedade. Neste contexto, um curso mais restrito de História da Psico-

logia poderia se desenvolver através do estudo da biografia de psicólogos, complementado com a leitura e a análise de seus trabalhos originais, bem como de suas implicações não apenas para a Psicologia como para a comunidade. Por exemplo, poder-se-ia estudar Watson, suas contribuições para a Psicologia do Desenvolvimento, suas implicações e seus efeitos nas práticas educacionais e de criação de filhos. O mesmo resultado talvez pudesse ser alcançado estudando-se os procedimentos de pesquisa e sua evolução na Psicologia, verificando-se qual seu impacto na determinação de mudanças, e em que contexto sócio-econômico e político se desenvolveu.

A este quadro acrescenta-se o fato de que um curso sobre História da Ciência pode atenuar os riscos de uma crescente especialização em que muitas vezes o estudioso perde a visão de conjunto até mesmo da ciência a que se dedica. Por outro lado, há estudos, como o de Pynn (1963), que mostram de que forma cursos de História melhoraram muito o próprio desempenho na área de especialização do cientista.

Estas poucas considerações parecem suficientes para indicar a relevância de se dar ao futuro psicólogo uma base em História da Psicologia. Não seria desperdício de tempo e de esforço que estas pessoas também tivessem a oportunidade de frequentar cursos mais gerais sobre História da Ciência.

O que aqui foi focalizado em relação ao psicólogo possivelmente é válido também para outras áreas em que vem se formando diferentes especialistas. Seria de grande interesse para a educação em geral, e para a formação de cientistas em particular, que frequentassem cursos desta disciplina.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BROZEK, Josef & SCHNEIDER, Leslie — Second Summer Institute on the History of Psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*. 1973, 9 (2): 91-101.
- CARNI, Louis. Ernst Cassirer's Psychology: A Unification of Perception and Language. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*. 1973, 9 (2): 148-151.
- COLE, M. & MALTZMAN, I. (eds.). *A Handbook of Contemporary Soviet Psychology*. New York: Basic Books, Inc, Pubs, 1969.

- ENGELMANN, Arno. *Uma tentativa de classificação de relatos verbais de estados subjetivos*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia, da USP, 1972 (não publicada).
- GERSHINOWITZ, H. Applied research for the public good — A suggestion. *Science*, 1972, 176 (4033): 380-386.
- HERRNSTEIN, R. J. & BORING, E. G. *Textos Básicos de História da Psicologia*. São Paulo: Herder, Ed. da USP, 1971. Tradução do original americano "A Source Book in the History of Psychology", Cambridge: Harvard University Press, 1966.
- LOMONACO, José F. B. *Discriminação Reversa e não reversa em Crianças Pré-Escolares*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia, da USP, 1973 (não publicada).
- MURPHY, Gordon & MURPHY, Louis B. *Asian Psychology*. New York: Basic Books, Inc, 1968.
- MURPHY, Gordon & MURPHY, Louis B. *Western Psychology*. New York: Basic Books, Inc, 1969.
- PYNN, Dora. History for scientists. Marlborough Experiments. *Times Educational Supplement*, 1963, July, Friday.
- TIBBETTS, Paul. An Historical Note on Descartes' Psychological Dualism. *Journal of the Behavioral Sciences*, 1973, 9 (2): 162-165.
- WEISSENKOPF, V. F. The significance of science. *Science*, 1972, 176 (4031): 138-146.
- WHITE, K. Geoffrey; JUHASZ, Joseph B. & WILSON, Peter J. Is Man no more than this?: Evaluative Bias in the Interspecies Comparison. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 1973, 9 (3): 203-212.
- WITTER, Geraldina P. Comportamento Verbal. In G. P. Witter, M. C. Manzoli e E. M. R. Bonamigo. *Condicionamento Verbal: Pesquisa e Ensino*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1973.